

No campo das idéias: Gilberto Freyre e a invenção da brasilidade futebolística*

Fábio Franzini

Depto. História – Unesp / *Campus* de Franca

Na década de 1930, as transformações sócio-econômicas efetuadas pelo governo Vargas levaram o meio intelectual brasileiro a promover reflexões profundas acerca da crise da ordem oligárquica e da emergência do Brasil urbano-industrial. O país foi então “redescoberto” por um “conjunto de autores que representarão os pontos de partida para o estabelecimento de novos parâmetros no conhecimento do Brasil e de seu passado”: Caio Prado Júnior, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Roberto Simonsen (MOTA, 1977: 28). Voltando-se para o estudo da colonização, da sociedade patriarcal e da evolução das relações sociais, políticas e econômicas, suas obras refletem, cada qual à sua maneira, a preocupação de se entender o momento histórico crucial no qual se inseriam.

Dentre tais obras, é *Casa-Grande & Senzala* que causa maior impacto à época. Ao retomar a temática racial sob a perspectiva teórica da antropologia cultural norte-americana (leia-se Franz Boas), Gilberto Freyre afirmava o papel positivo da mestiçagem na formação da nacionalidade brasileira, invertendo o valor que até então lhe era atribuído pelas teorias e análises sociais formuladas entre meados do século passado e o início deste por autores como Silvio Romero, Nina Rodrigues e Oliveira Vianna. Dessa forma, sua reflexão “parecia lançar, finalmente, as bases de uma verdadeira identidade coletiva, capaz de estimular a criação de um inédito sentimento de comunidade pela explicitação de laços, até então insuspeitos, entre os diferentes grupos que compunham a nação” (ARAÚJO, 1994: 30). Finalmente mesmo, a julgar pela descrição que Manuel Bandeira faz da receptividade encontrada pelo livro no Rio de Janeiro logo após seu lançamento, em dezembro de 1933:

O sociólogo está na ordem do dia com a publicação da grande Casa Grande. [...] As informações dos livreiros é [sic] que o livro está tendo muita saída. [...] O Roquette [Pinto] também

está no auge da admiração. Recebeu o livro há três dias e ontem à noite, na hora educativa da Rádio-Sociedade, encheu todo o tempo falando do livro, classificando-o de obra monumental. [...] Disse o Roquette que à parte qualquer outro valor da obra, só a bibliografia que você reuniu representa uma contribuição inestimável. Fez grandes elogios às suas opiniões sobre miscigenação. Não esqueceu a linguagem e leu trechos inteiros do livro (apud FONSECA, 1985: 13-4).

Mas não foi apenas na Capital Federal que a obra fez sucesso: entre 1934 e 1938, os críticos literários da imprensa do centro-sul e do Nordeste se debruçam sobre ela com atenção. Nomes como Agrippino Grieco, Affonso Arinos de Melo Franco e Plínio Barreto, dentre outros, eventualmente não deixam de apontar certas restrições ao estilo, às idéias e/ou ao método do autor; houve também quem questionasse duramente toda a antropologia freyreana, como fez José Fernando Carneiro no *Diário Carioca*, em 1937. Não obstante, o tom predominante nas resenhas do período é o laudatório, a ponto de Lúcia Miguel Pereira definir, na *Gazeta de Notícias* ainda em 1934, *Casa-Grande & Senzala* como “o livro definitivo de Gilberto Freyre”, que “faz-nos viver a formação da nacionalidade; faz-nos sentir que temos raízes, e fundas, enriquece-nos de todo o nosso passado”.¹

A calorosa acolhida da nova e “verdadeira” identidade coletiva, mestiçamente definida, proposta por Gilberto Freyre explica-se pelo original traço integrador em sua reinterpretação da história do Brasil. Ao equilibrar os antagonismos sócio-raciais do passado sem anular a especificidade das diferenças,² o escritor pernambucano ia ao encontro da demanda social (e também política) do presente, colocando a velha e problemática questão nacional em novos – e atuais – termos: nossa singularidade enquanto povo vem da mestiçagem e isso é motivo de orgulho, não de vergonha. Assim, ainda que deixasse transparecer aqui e ali uma certa nostalgia das oligarquias, *Casa-Grande & Senzala* pôde ser interpretado “como uma afirmação corajosa de crença no Brasil, no mestiço e no negro, sobretudo se pensamos no prestígio de um escritor como Oliveira Vianna e no predomínio das doutrinas racistas que dariam base ideológica ao nazismo” (LEITE, 1983: 301).

Difundindo-se por toda a sociedade, o elogio da mestiçagem vai ajudar, e muito, a legitimar algumas práticas populares que vinham ganhando força no cotidiano do país, transformando-as em expressões da cultura brasileira, dentre as quais o futebol. Atento ao processo de massificação do chamado esporte bretão e, principalmente, à integradora mistura de raças e classes sociais que ela promovia nos gramados, Gilberto Freyre não deixa de mencionar já em *Sobrados e Mucambos* (livro que, como o próprio Freyre diz em seu prefácio, é a continuação dos estudos apresentados em *Casa-Grande & Senzala*), publicado em 1936, “a ascensão do mulato não só mais claro como mais escuro entre os atletas, os nadadores, os jogadores de *foot-ball*, que são hoje, no Brasil, quase todos mestiços” (FREYRE, 1936: 362). Vista no contexto do livro, esta tímida observação do autor, mais que constatar um fato que vinha ocorrendo há pelo menos duas décadas, sugere que tal ascensão do mulato no meio originalmente elitista e europeizado do nosso futebol implicava uma significativa mudança na forma de praticá-lo aqui nos trópicos: o seu abasileiramento.

Dois anos mais tarde, a Copa do Mundo disputada na França apresenta-se como a ocasião perfeita para que Gilberto Freyre explicitasse o que apenas havia insinuado então. A técnica refinada dos nossos jogadores encantava os europeus, e o Brasil todo se mobilizava em torno do rádio para ouvir a transmissão das partidas da seleção, narradas diretamente dos gramados de Estrasburgo, Bordeaux e Marselha pelo *speaker* Gagliano Netto. Após vencer a Polônia, empatar e, numa segunda partida (disputada 48 horas depois), vencer a Tchecoslováquia, a seleção chegava às semifinais do campeonato mundial pela primeira vez, deixando o país eufórico. Pois foi em um artigo para o *Diário de Pernambuco* escrito após a vitória sobre os tchecos que o sociólogo-antropólogo anunciou o surgimento de um inconfundível “estilo brasileiro de futebol”:

O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e, ao mesmo tempo, de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa

de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil (FREYRE, 1967: 432).

É importante notar aqui que Freyre não era o único a destacar as peculiaridades da nossa forma de jogar e como ela destoava da européia, uma vez que, naquele momento, os próprios jornalistas internacionais que cobriam a Copa faziam o mesmo. Além disso, ele também não era o primeiro a atentar para o aparecimento de um novo estilo futebolístico: quando a seleção brasileira conquistou seu primeiro Campeonato Sul-Americano, em 1919, já houve quem detectasse a criação de um “sistema novo de jogar o *association*”, que, baseando-se no talento individual e na capacidade de improvisação dos seus praticantes, ia no sentido contrário ao padrão coletivo ditado pelos manuais ingleses (NETTO, 1919: 8). Porém, se a observação das diferenças entre o *football* e o *futebol* nada tinha de inédita, Gilberto Freyre é pioneiro em explicá-las, ou apresentá-las, em termos culturais, tomando-as como manifestações próprias daquela singularidade maior que distinguiria o povo brasileiro:

[...] nosso futebol mulato, com seus floreios artísticos cuja eficiência – menos na defesa que no ataque – ficou demonstrada brilhantemente nos encontros deste ano com os poloneses e os tcheco-eslovacos, é uma expressão de nossa formação social, democrática como nenhuma e rebelde a excessos de ordenação interna e externa; a excessos de uniformização, de geometrização, de standardização; a totalitarismos que façam desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal. No futebol, como na política, o mulatismo brasileiro se faz marcar por um gosto de flexão, de surpresa, de floreio que

lembra passos de dança e de capoeiragem. Mas sobretudo de dança. Dança dionisíaca. Dança que permita o improviso, a diversidade, a espontaneidade individual. Dança lírica. Enquanto o futebol europeu é uma expressão apolínea de método científico e de esporte socialista em que a ação pessoal resulta mecanizada e subordinada à do todo – o brasileiro é uma forma de dança, em que a pessoa se destaca e brilha (FREYRE, 1967: 432).

Baseando-se no trabalho da antropóloga norte-americana Ruth Benedict e seu livro *Patterns of Culture*, de 1935, Gilberto Freyre define a *brasilidade* futebolística a partir da contraposição entre um padrão de cultura “apolíneo” (formal, racional, ponderado), que seria próprio dos europeus, e outro “dionisíaco” (individualista, emocional, impulsivo), característico de nossa índole mulata. Segundo ele, “sente-se nesse contraste o choque do *mulatismo*, ou *melanismo*, brasileiro com o *arianismo*, ou *albinismo*, europeu. É claro que *mulatismo* e *arianismo* considerados não como expressões étnicas, mas como expressões psicossociais condicionadas por influências de tempo e de espaço sociais” (FREYRE, 1967: 432).

A *brasilidade* do futebol, portanto, não surge gratuitamente, mas da confluência de uma perspectiva intelectual, teórica, com a verificação empírica do modo “diferente” pelo qual nossos jogadores corriam atrás da bola. A partir do artigo de 1938, Freyre passa, sempre que possível, a enfatizar em suas novas obras esse ponto de vista acerca da relação entre o futebol e a sociedade brasileira. Em *Problemas Brasileiros de Antropologia* (1943), *Sociologia* (1945) e *Interpretação do Brasil* (1947), a idéia do nosso estilo de jogo como dança mestiça e dionisíaca se faz presente, praticamente nos mesmos termos apresentados no *Diário de Pernambuco*. No caso do último livro, vale destacar também que os textos que o compõem foram originalmente elaborados para o público externo: são as conferências que apresentou na Universidade de Indiana, em 1944, e que, no ano seguinte, foram publicadas nos Estados Unidos pelo prestigioso editor Alfred Knopf sob o título *Brazil: An Interpretation*. E, aqui, Freyre ainda recorre a um autor estrangeiro para reforçar sua exposição:

Depois que publiquei minhas primeiras notas sobre esses dois assuntos – as maneiras regionais de dançar e de jogar foot-ball, o foot-ball ainda como uma dança com alguma coisa de africano – li excelente página de Waldo Frank onde ele acha que o tango é “uma dança-música escultural”; e ao mesmo tempo diz que, observando um grupo de brasileiros a jogar foot-ball, notou que jogavam procurando levar a bola para o goal como se executassem “a linha melódica de um samba”. Reproduz quase a mesma observação por mim feita em artigo escrito em 1938, que estou certo nunca foi lido por Waldo Frank, assim como outro que publiquei em 1940 sobre as diversas maneiras de dançarem os brasileiros das várias áreas – da Bahia à área misionera do Rio Grande – as danças de carnaval.[...] (FREYRE, 1947: 173).

É possível dizer, assim, que na primeira metade da década de 1940 Freyre consolida sua visão do futebol como um dos paradigmas do Brasil. Mas as dimensões e o alcance da influência dessa visão só serão mesmo sentidas em 1947, com a publicação de *O Negro no Futebol Brasileiro*, do jornalista Mário Rodrigues Filho. Um dos inventores da moderna imprensa esportiva brasileira, o livro de Mário Filho traça a história do futebol carioca do amadorismo ao profissionalismo, história que, segundo ele, pode ser vista como “brasileira” por ser essencialmente idêntica à dos outros grandes centros esportivos do país. Ao fazê-lo, toma a presença e o papel do negro como fundamentais para o desenvolvimento do “*association*” entre nós, vendo justamente no conflituoso processo de integração – ou, nos termos freyreanos, “mistura” – sócio-racial nos gramados a chave para se entender a nacionalização do esporte importado pelas elites. Uma nacionalização que levou não apenas à sua aceitação por todos os grupos sociais, mas principalmente à criação de um modo diferente de jogá-lo, expressão, é claro, de nossa identidade e essência (FILHO, 1964).

Não por acaso, é ninguém menos que o próprio Gilberto Freyre quem escreve o prefácio do livro, no qual situa, com razão, a história do futebol no Brasil dentro da “história da sociedade e da cultura brasileira na sua transição para a fase

predominantemente urbana”. Além disso, avança um pouco mais na oposição entre “apolíneos” e “dionisíacos” rumo à herança atávica da *autenticidade brasileira*, enxergando no futebol a sublimação de “vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura”; para reforçar sua análise, cita, novamente, a capoeiragem e o samba ao lado da “molecagem baiana”, da “malandragem carioca” e até do cangaceirismo. Segundo ele,

com esses resíduos é que o futebol brasileiro afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisíacas que é. A dança dançada baianamente por um Leônidas; e por um Domingos, com uma impassibilidade que talvez acuse sugestões ou influências ameríndias sobre sua personalidade ou sua formação. Mas, de qualquer modo, dança. (FREYRE, 1964: XI).

Também não é casual o fato de que duas figuras centrais da primeira edição do livro de Mário Filho sejam os jogadores Arthur Friedenreich, filho de pai alemão e mãe negra, e Leônidas da Silva, filho de pai português e mãe negra. Ou seja, dois mestiços, que, cada qual em sua época, mudaram o nosso futebol a partir de dentro (na segunda edição, de 1964, juntar-se-iam a eles Pelé, negro, e Garrincha, outro mestiço). Segundo Mário, no final dos anos 1910 a figura, mais que o talento, de Fried teria feito com que o país se olhasse no espelho e tivesse uma verdadeira revelação:

A popularidade de Friedenreich se devia, talvez, mais ao fato dele ser mulato, embora não quisesse ser mulato, do que dele ter marcado o gol da vitória dos brasileiros [na final do Campeonato Sul-Americano de 1919]. O povo descobrindo, de repente, que o futebol devia ser de todas as cores, futebol sem classes, tudo misturado, bem brasileiro (FILHO, 1964: 54).

Já sobre Leônidas, que na década de 1930 assumiu o trono de Fried na admiração popular, o autor afirma que a cor ajudava a torná-lo “mais carioca e, num certo sentido, mais brasileiro”. Isto, por sua vez, fazia com que a pátria se unisse em torno de sua habilidade com a bola nos pés:

Muito mais brasileiro do que Romeu Peliciari, quase louro, de olhos azuis. O que seria bairrismo do carioca se transformaria em patriotismo do brasileiro, do qual não escapava o próprio paulista, que, em condições de escolher o paulista Romeu como herói do campeonato do mundo [de 1938], acabou escolhendo o carioca Leônidas (FILHO, 1964: 233-4).

Esses dois exemplos, escolhidos dentre vários outros possíveis, demonstram como Mário Filho a todo o tempo manifesta claramente a inspiração freyreana que norteia o seu trabalho. O prefácio do mestre pode ser visto, inclusive, como uma chancela intelectual (a melhor possível, aliás) à sua abordagem historiográfica, uma vez que ele não tinha a mesma formação e respeitabilidade acadêmicas que Freyre. No entanto, independentemente desse aval ter contribuído para sua maior aceitação, é possível dizer que *O Negro no Futebol Brasileiro* é uma tentativa de se pensar o país a partir do futebol, tentativa essa que não deixa de se encaixar no processo de “redescobrimto do Brasil” iniciado nos anos 1930. Tanto que, de acordo com Ruy Castro, este livro seria “uma espécie de *Casa-Grande & Senzala* urbana, um livro equivalente na historiografia racial ao de Gilberto Freyre” (CASTRO, 1992: 222).

Se Castro tem razão ou não, é algo que vale um novo, e provavelmente longo, debate. No entanto, não parece ser exagero algum afirmar que as raízes do *país do futebol* tal como o conhecemos hoje não se afirmaram e desenvolveram graças aos pés dos jogadores e ao coração dos torcedores apenas, mas também à cabeça dos intelectuais que, desde o início do século XX, pensaram e pensam o jogo para além de seus significados aparentes – e, neste campo, é indiscutível que Gilberto Freyre ocupa lugar de destaque.

Notas

- *. Versão preliminar deste texto foi publicada em *Lecturas: Educación Física y Deportes – Revista Digital*. Buenos Aires, año 5, no. 26, octubre de 2000. <http://www.efdeportes.com>
1. Cf. FONSECA, 1985: 133-4, *passim*. Como coloca Hermano VIANNA (1995: 76), “era como se todos os brasileiros estivessem esperando a ‘revolução’ desencadeada por Gilberto Freyre (ou a história adotada por ele que ‘todos’ os brasileiros imediatamente adotaram como espelho)”.
 2. De acordo com Ricardo Benzaquen de ARAÚJO (1994: 75), a expressão “antagonismos em equilíbrio” pode ser tomada como “uma espécie de emblema da argumentação de Gilberto Freyre em *Casa-Grande & Senzala*”, definindo-a como “uma situação na qual as divergências estabelecidas no interior da casa-grande [no qual a senzala também se fazia culturalmente presente] aproximam-se sensivelmente mas não chegam a se dissolver, conformando portanto uma visão altamente sincrética do todo”.

Bibliografia citada

- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. (1994) *Guerra e Paz. Casa-Grande & Senzala e a Obra de Gilberto Freyre nos Anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- CASTRO, Ruy. (1992) *O Anjo Pornográfico. A Vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras.
- FILHO, Mário. (1964) *O Negro no Futebol Brasileiro*. 2a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- FONSECA, Edson Nery da (ed.). (1985) *Casa-Grande & Senzala e a Crítica Brasileira de 1933 a 1944*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco.
- FREYRE, Gilberto. (1947) *Interpretação do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- _____. (1964) “O negro no futebol brasileiro”. In: FILHO, Mário. 1964. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 2a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. pp. IX-XII.
- _____. (1985) *Sobrados e Mucambos*. 7a ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

_____. (1967) *Sociologia*. 4a ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

LEITE, Dante Moreira. (1983) *O Caráter Nacional Brasileiro. História de uma Ideologia*. 4a ed. definitiva. São Paulo: Pioneira.

MOTA, Carlos Guilherme. (1977) *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*. 3a ed. São Paulo: Ática.

NETTO, Americo R. (1919) “Inovação brasileira”. *Sports*, n. 1, ano I, p. 8.

VIANNA, Hermano. (1995) *O Mistério do Samba*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Jorge Zahar Editor.
